

# afogamento

JONATHAN PIRES FERNANDES

**Editora Penalux**  
*Guaratinguetá, 2022*



## DA ESTRADA PRA CASA

Estrada livre! Todas as obrigações do dia cumpridas. Esta situação nos leva ao fato de que Fernando adquirira o hábito de comparar situações do presente e do passado. Claro que, em geral, para ele, era mais conveniente que reminiscências permanecessem abstrusas na maior parte do tempo. Não obstante, aquela situação não era outra coisa senão o momento propício para retirar elementos das profundezas de suas curvas cerebrais. Tudo contribuía para tal finalidade: o cansaço da viagem, a mente ofegante, a música do som do carro, o barulho rascante do pneu no asfalto, e os olhos implorando por um travesseiro para ficar rente a eles. Fernando encostou o carro próximo a um posto de gasolina, local onde não seria incomodado por ninguém, contanto que verificasse se as travas estavam ativadas – adquirira essa prática dos tempos em que era um cidadão de classe média (média), daqueles que ficam com medo de sequestros ou assaltos. Com tudo em ordem, Fernando satisfez os seus pesados olhos e fechou-os. Numa noite como esta, em certos tempos, eu estava infeliz e deprimido. Imagine só! Pateticamente cogitar jogar

o carro no Rio Guamá quando passava pela Alça Viária. E naquela tarde em que eu também dirigi do mesmo jeito? Jogar o carro num poste a 110km, mas realmente não dava pra fazer isso porque o carro não era meu. Suicidas são, antes de tudo, egoístas e inconsequentes. Imagine não pensar nos prejuízos de outrem. A consciência demasiadamente aguda e hipertrofiada salvara aquele bolso, vejam só! A “doença autêntica” pode ter suas vantagens.

O veículo volta para a estrada. Uma saveiro branca. Cruza a estrada até chegar ao entroncamento aonde pega um retorno para voltar à BR-316, que dá acesso a uma rua deserta. Adentra um motel qualquer, entre os milhares que existem naquele bairro. Os reflexos da debacle do sono da noite anterior faziam-lhe mal. Estaciona, abre a mochila e pega uma colcha de cama – não confiava na higiene dos motéis. Tranca o carro, guarda a chave no bolso, sobe as escadas que dão acesso ao quarto, abre a porta, tranca a porta, liga a luz, liga o ar-condicionado, e cobre a cama com o tecido que retirara da mochila. Fernando despiu-se rapidamente e afundou na cama, dando alegria aos seus olhos ofegantes. Ador-meceu.

Marreta ligou após várias tentativas de comunicação por mensagens de what’s app. Confessava para si mesmo que estava um pouco apreensivo sem razão aparente. Não havia mais motivos. Ou haveria? A carga chegaria ainda naquela noite?

Desceu a escada sem corrimão cujo início ficava na cozinha. Abriu a geladeira, retirou uma cerveja e sorveu-a rapidamente. Marreta procurava se acalmar, mas já estivera muito mais nervoso em tempos anteriores. Olhava para o armário e

via pão, leite e margarina para o café. Na geladeira tinha carne para o almoço. Olhava para o seu filho Luiz dormindo na rede, no quarto em frente da geladeira. “Comida garantida para o moleque hehehe”, pensava Marreta. Dizia para si mesmo o quanto era um excelente menino, que puxara o espírito aguerrido do pai. Tinha como referência para chegar a tal conclusão o dia em que o garoto quase passou fome.

“Aquele dia foi uma completa lei de Murphy”, pensava Marreta. Ouvira o termo em uma capa de revista no escritório da construtora na qual trabalhava. Foi demitido na política de corte de gastos gerada por uma série de fatores: crise econômica, especulação imobiliária em baixa, lockdown, falta de demanda.... O aftermath explodiu naquele dia maldito. Marreta e sua família só tinham comida para de manhã. No dia anterior, absolutamente nada tinha dado certo: ele não conseguiu bico em lugar nenhum; sua esposa não conseguira nenhuma casa de família para fazer uma diária; e os auxílios do casal já haviam se esgotado rapidamente.

Ainda que praticamente falido e a ponto de passar fome, Marreta ainda era orgulhoso demais para pedir ajuda aos vizinhos ou para qualquer outra pessoa que fosse. Já havia dito à esposa que não precisava que ela se humilhasse para ninguém, nem mesmo para a sua irmã que morava em Batista Campos. Ele iria dar um jeito, era a sua filosofia de vida não depender de ninguém. Contudo, contra a vontade do marido, Renata havia falado com a irmã, Erínia, na noite do dia anterior. Ficou de ir pegar o dinheiro com a irmã assim que raiasse o dia. Renata não tinha conta em banco.

Entretanto, para o cúmulo do azar, a moléstia resolveu insular as forças de Renata. Ela já vinha se queixando de febre há uma semana – fator que contribuiu para que não conseguisse comparecer para novos serviços –, mas naquele momento, sobreveio-lhe dores pulmonares fortes fazendo com que ela mal conseguisse respirar. Inteiramente impossível sair de casa naquelas condições. Ligou para Erínia informando-a de suas condições. A irmã deixou claro que todos em sua casa estavam bastante ocupados, mas disse que faria o possível para levar o dinheiro o mais rápido possível.

Luiz, o filho do casal, deitou na rede, abatido e preocupado. Aquela situação da mãe doía-lhe na alma. Mais tarde, a fome iria doer-lhe ainda mais no corpo. Marreta chegou para a esposa: “vamos para a UPA!”, “não, eu vou ficar bem, não podemos deixar o Luizinho sozinho”, “mas tu mal consegues respirar, mulher!” “Tenho falta de ar, mas tenho umas súbitas melhoras.” “Mas mulher! ...” “Eu aguento até amanhã, meu nego. Depois eu vou à UPA, agora eu só ia te atrasar pra conseguir logo o dinheiro.” “Mas mulher!...” “Não discute, vai logo! Cada momento aqui, é uma hora mais de desespero pra nós”.

Marreta não sabia o que era pior naquela situação. Sua esposa agonizando na cama do quarto, ou o fato de ter que pedir esmolas nos ônibus. Lembrou da máscara que tinham dado para ele na empresa, para se proteger. Rapidamente, teve uma ideia. Ela vai encobrir metade do meu rosto, com um chapéu na cabeça, ninguém vai me reconhecer. Vão pensar que eu sou algum vagabundo querendo assaltar o ônibus.

Um bando de motorista filho da puta não vai parar pra mim, mas não tem jeito. Hora de ir. Sai!

“Anda, Luizinho! Vem comigo! Vamos até a parada do ônibus na bicicleta. Tu traz ela de volta enquanto eu espero o ônibus”. O menino, ainda abatido com aquilo tudo, nem vestiu camisa. Subiu na garupa do pai.

Renata, com muita dificuldade, levanta da cama, abre o armário, retira o aparelho de aerossol, fecha o armário, liga o aparelho na tomada, envolve sua boca e nariz nele, tenta respirar aliviada, deita na cama novamente. Tem uma leve impressão de melhora, respira devagar... Não se sabe quanto isso dura. Deitada na cama, o tempo parece voar. Ainda que a moléstia lhe tire a fome, dói-lhe a barriga, dói-lhe o esôfago, dói-lhe a garganta. O suco gástrico é como a água de um chafariz, daqueles que se costuma encontrar em parques urbanos de grandes cidades: jorra para cima num fluxo estonteante e cai aos poucos. O tempo passa.

Com o passar do tempo, além da fonte de suco gástrico dentro de si, tem-se a impressão de água invadindo seu sistema respiratório. O oxigênio parece feito de areia, desfazendo-se ao menor toque da onda. Precisa encontrar um jeito de expulsar esse tsunami de seus pulmões. Tenta tirar forças cambaleantes de onde não tem. Dói-lhe tudo, dói-lhe todos os músculos frontais e intercostais. Por que não consigo apagar, acabar com tudo, pensa ela. Apagar, apagar, apagar, apagar, apagar..... APAGAR..... APAGAR..... Apagar, apagar.....

Apagar... apagar... apaga. O sono apaga a sua mente aos poucos. Pensamentos inconscientes, estágio alucinatório,

acende novamente. O corpo reage ao frio. Se embrulha. Apagar de novo, entregar-se ao sono que chega, finalmente chega. Grande vazio. Acende, mas está nos mundos dos sonhos, um monte de psiques desconexas das quais não lembrará de absolutamente nada quando acordar. As horas passam sem que ninguém perceba.

Fernando acordou. Em outros tempos, ficaria na cama, mas o tempo não andava mais generoso. Ainda bêbado de sono, tateou na cama para achar o controlador do ar-condicionado. Aqui! Desligou o aparelho por conta do frio. Tomou banho rapidamente. Enrolou-se na toalha e chegou até o espelho. Sinais de jovialidade se desfazendo com o tempo. Corpo perdendo a robustez de outrora. A barba andava grande por seu rosto branco e avermelhado. Tocou no negro cabelo que mal se mexia, mesmo quando úmido. Cabelo quase imóvel. Raspou tudo a seco, sentindo ardências na pele, principalmente ao abrir e fechar a boca. Fernando veste-se, olha-se no espelho novamente. Toca de novo o seu cabelo negro quase imóvel, olha a sua pele branca e vermelha. Algumas manchas vermelhas na cara, aqui e ali. Não importa mais. Que horas são? O celular indica 10 da manhã.

Fernando acertou a conta do motel. Dirige por uma rua deserta, à procura de uma padaria. Vou resolver isso logo agora de manhã, depois almoço e descanso uns minutos antes daquele meu outro assunto. Não há padarias nas redondezas. Fernando pega um retorno, volta pela BR-316 e entra no Castanheira. Estaciona o carro. Sai, tranca o veículo, guarda a chave no bolso, sobe as escadas, vira à esquerda, vira à direita,





LIVROS ILUMINAM

---

Este livro foi composto em Utopia Std pela  
Editora Penalux e impresso em papel off-  
white 80 g/m<sup>2</sup>, em novembro de 2022.

---